

De Charlie

Muito se escreveu, muito se opinou, muito se disse sobre os ataques de há duas semanas ao semanário francês Charlie Hebdo. Talvez ingenuamente, esperava uma atitude massiva e transversal de pura e simples condenação, choque e solidariedade por parte da nossa comunidade. Mas fomos presenteados com um leque diversificado, colorido, berrante até, de reacções díspares, que se espalharam, entrecruzaram e digladiaram na comunicação social, nas redes sociais e nas conversas de amigos. De repente, toda a gente falava de liberdade de expressão e seus limites, do combate ao terrorismo, do bom e mau das religiões, do fanatismo, do extremismo, da integração de imigrantes, da hipocrisia dos líderes políticos, da manipulação pelos jornalistas. De repente toda a gente tinha de optar. *És ou não és Charlie? Para ti a liberdade de expressão tem ou não tem limites? Se tem, estás a defender o terrorismo. Se não tem, estás a ofender pessoas e a pores-te a jeito. Então há ou não liberdade de expressão? Se há, posso dizer o que me apetece sem me vires criticar. Então és ou não defensor dos Direitos Humanos? Se és, porque é que não substituis o teu «je suis Charlie» por um «je suis Nigéria»?* De repente, quem era Charlie era um defensor da injúria, da difamação, um manipulado pelos jornalistas, um ser que apenas pensa na civilização ocidental e seus problemas menores, em que só morrem 16 pessoas, ao invés de se compadecer com as verdadeiras questões de África. E quem não era Charlie, um defensor da ideia de que a ofensa é solucionável pelas armas.

Eu fui daquelas que colaram, na foto de perfil do facebook, um «je suis charlie». E que partilharam até à exaustão, num misto de incredulidade, choque e comoção, imagens de homenagens como estas:



Fi-lo não por querer assumir a defesa disto ou daquilo: ou da liberdade de imprensa, ou de uma suposta liberdade de expressão ilimitada, ou do ocidente capitalista, ou por identificar determinados comportamentos com a religião x ou y, ou ainda por querer seguir as massas. Fi-lo, apenas, como centenas de pessoas, para expressar, na minha pequenez e através dos limitados meios ao meu alcance, a profunda dor e angústia por tudo o que significou este ataque para o mundo que os meus filhos vão herdar. O que achei eu era tão só isto: *estou profundamente, profundamente triste com o meu mundo. Com o que vai ficar para os meus filhos. Só isto.*

Noutro ponto, achei que estávamos todos de acordo que o terrorismo é, por si só, e por definição, um ataque monstruoso a *todas as* liberdades e princípios do Estado de Direito. Mas estava enganada.

- a) Vieram então os que me quiseram explicar que a liberdade tem limites. Muito bem. Tem sim, senhor. Ou não prevíssemos, simultaneamente, a punição dos crimes de injúria e difamação, entre outros. Nisso estamos todos de acordo. Mas nem é preciso entrar no argumento *ad terrorem* que isso não legitima homicídios. Fiquemos apenas pelo facto de que o Estado de Direito prevê em si mecanismos para salvaguardar esses limites. E que viver em Estado de Direito e reconhecer essas liberdades significa aceitar os riscos inerentes ao facto de as mesmas poderem ser desrespeitadas de vez em quando. Faz parte.
- b) Vieram depois os que, com o dedo acusador digno de um Nostradamus, clamaram ter profetizado tais acontecimentos. O tom variou entre o discurso vazio de figuras televisivas supostamente «famosas» e a citação de ditados populares na onda do «quem semeia ventos colhe tempestades». Aí fui eu que, como ainda tenho muito que aprender nesta vida, me insurji (os verdadeiros sábios já não se insurgem). Entrei em debates, enervei-me, incrédula por ver que em Portugal há gente que *acha mesmo estas coisas*. A resposta foi clara. «*Então não posso dizer o que acho? Os jornalistas podem, mas eu sou logo atacado. Há ou não liberdade de expressão?*» Pois claro que há. Por isso é que se pode dizer essas coisas sem se ir preso. E por isso é que eu as posso criticar, mais ou menos aguerridamente. Assim cada um exerce o seu direito. De repente, portanto, toda a gente queria absolutizar a *famosa liberdade de expressão*, expô-la em letras garrafais, qual novo slogan fashion que tinha de ser exibido e regateado ferozmente.
- c) Finalmente, os auto proclamados *humanistas*. Vieram eles perguntar, com a sagaz perspicácia de que denuncia as contradições da hegemonia ocidental, «*então e je suis Sudan*» então e «*je suis Nigéria*»? De repente, o meu «*je suis charlie*» era sinónimo do meu ocidentalismo bacoco, de eu ser uma marioneta dos jornalistas que segue manadas. Ora pois muito bem. Tenho então de justificar porque é que manifestei ser Charlie e nada disse sobre ser Sudão, Nigéria, Afeganistão, Síria, etc.? Bom, primeiro porque todas as violações hoje perpetradas aos direitos humanos infelizmente não cabem num quadrado negro. As letras, pura e simplesmente não se liam. Há, assim, uma razão muito pragmática, acima de tudo. Sim, mas então dever-me-ia sentir na obrigação de mudar freneticamente de cartaz todos os dias, numa rotatividade infinita, para provar ao mundo a minha verdadeira preocupação com todas as atrocidades cometidas? Hoje *je suis Charlie!* Amanhã *je suis Nigeria!* Depois, *je suis Sudan!* E por aí a fora. Seria uma hipócrita de uma humanista, ao ser Charlie e não provar ser também as demais coisas. Pois bem, mas como sou humana, sou limitada. E a minha vida, prossegue, enredada que estou nas minhas preocupações menores ocidentais, e esqueço-me, imperdoavelmente, que todos os dias estão a acontecer atrocidades mundo fora. Mas o ser humano é mesmo assim, não é? Limitado. E temos de estar em paz com isso. Como li no blogue *Boas Intenções*, «*é injusto, profundamente injusto, sugerir a alguém que não pode ser Charlie porque não foi outras coisas (porque não é Ahmed, porque não se juntou ao #blacklivesmatter, porque não foi Gaza, porque não é um refugiado cristão sírio cuja entrada na Europa é recusada, porque não é, hoje especialmente, nigeriano, porque não foi Snowden, Kiriakou ou Chelsea Manning)*. Ninguém tem a obrigação de se indignar por todas as coisas e, sobretudo, ninguém tem a capacidade de se indignar e de ficar chocado com todas as coisas. É perfeitamente natural que algumas questões nos toquem mais que outras, que sintamos que umas nos estão mais próximas ou que por algum motivo são mais graves, que existam catástrofes que legitimam interpretações do mundo em que acreditamos e que por isso nos indignam mais, porque as confirmam, ou nos indignam menos, porque as esperávamos.»

Sou profundamente Charlie. Mas isso não significa que *não seja Nigéria*. Charlie tocou-me, o que não significa que os outros também não toquem. Tocou mais? Talvez. Sou limitada e não posso sentir tudo ao mesmo tempo, com a mesma intensidade. E talvez porque, como humana e emocionalmente movida que sou, sinta mais intensamente o que está mais próximo de mim.

Charlie foi um ataque às instituições do Estado de Direito, num horizonte cultural próximo do meu, que por isso me é mais real. Foi um ataque a séculos de conquistas históricas, a obras que herdei, perfeitas ou imperfeitas, mas que fazem parte do meu património. Foi um ataque à vida humana, à segurança, à paz no horizonte em que os meus filhos vão crescer e viver. Pois isso sou, profundamente triste e angustiada, Charlie.

Ana Rita Gil

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.